

PAUL PRECIADO E A NOÇÃO DE DOR EPISTÊMICA

JOÃO CARLOS LOPES DO PRADO^{1,2*}, THIAGO SOARES LEITE^{2,3}

1 Introdução

A contemporaneidade enfrenta uma profunda transição somatopolítica interna à lógica capitalista e de ordem epistêmica planetária, na qual os modelos modernos de produção, ordenação e legitimação do conhecimento que regem a sociedade entraram em colapso e passam por processos de ruptura. O filósofo espanhol Paul B. Preciado, na obra *Dysphoria Mundi*, conceitua esse período de crise estrutural e climática como uma "disforia generalizada", decorrente da falência da lógica do regime epistemológico ocidental "petrossexorracial" calcado na exploração. Essa infraestrutura cognitiva herdada da modernidade colonial se baseia em taxonomias científicas binárias (humano/animal, masculino/feminino, saudável/doente) que reificam os corpos e a biosfera como mercadorias capitalistas. De seus escritos, emerge o termo "dor epistêmica", noção que permite conceituar uma forma especial de sofrimento que é ao mesmo tempo político, cognitivo e existencial. Ele se verifica presente em sujeitos que não encontram ferramentas semânticas para a autodescrição e que são excluídos da produção de conhecimento enquanto agentes legítimos, que descrevem suas próprias vivências e de forma válida. O silenciamento desses corpos dissidentes e a naturalização de seus apagamentos configuram uma violência patológica coletiva. Para além de um transtorno psiquiátrico individualizado ou de um fenômeno psicológico social que incide somente nos marginalizados, a dor epistêmica revela uma inadequação estética e política em relação às normas dominantes. Assim, a investigação desse conceito torna-se central para cartografar as anomalias da episteme vigente e propor novas práticas coletivas de emancipação.

2 Objetivos

Objetivo geral: Investigar a noção de dor epistêmica em Paul Preciado.

Objetivos específicos:

1 Titulação acadêmica Licenciatura em filosofia, instituição Universidade Federal da Fronteira sul (UFFS), campus Erechim, contato: joao.lopes@uffs.edu.br

2 Grupo de Pesquisa: Epistemologia e Metafísica

3 Doutor em Filosofia, professor do curso de Graduação em Filosofia - Licenciatura da UFFS - Campus Erechim e do PPGFIL da UFFS - Campus Chapecó, contato: thiago.leite@uffs.edu.br, **Orientador**.

- Compreender a noção de decolonialidade utilizada por Paul Preciado;
- Investigar as noções de epistemologia e de paradigma epistemológico utilizadas por Paul Preciado;
- Investigar a noção de gêneros proposta por Paul Preciado.

3 Metodologia

De acordo com o exposto, a pesquisa foi desenvolvida em 12 meses, nos quais o foco foi dado à obra *Dysphoria Mundi*. O autor investigado foi o filósofo espanhol Paul B. Preciado. A pesquisa consistiu na análise da obra anteriormente citada. Assim, o bolsista se dedicou à reconstrução da teoria presente nessa obra, tendo por finalidade identificar 1. o conceito de dor epistêmica, 2. as críticas realizadas a esse conceito e 3. a articulação filosófica entre esses conceitos realizada pelo autor. Por fim, cumpre ressaltar que o projeto teve por objetivo entender os pressupostos de Preciado que o permitem concluir sobre a concepção de dor epistêmica.

4 Resultados e Discussão

O autor Paul B. Preciado utiliza a expressão “dor epistêmica”, como um termo em sua obra *Dysphoria Mundi*, para explicitar a noção de uma dor incidente nos sujeitos que não são reconhecidos como indivíduos levados em consideração pelos modelos normativos de produção de conhecimento, enquanto agentes do conhecimento produzido a respeito de si próprios, vendo, dessa maneira, seus corpos, suas características e identidades, sendo utilizadas como uma espécie de “campo” a ser explorado e que é explorado. Assim, o indivíduo não encontra facilmente palavras ou conceitos para se autodescrever, consolidando a percepção que existem ausências para sua representação (interna e externa) no mundo que causam essa dor. Não se trata meramente da inexistência de um conceito descritivo ou de um erro taxonômico, mas sim da percepção que alguns indivíduos têm uma vivência que não é validamente contemplada na produção de conhecimento enquanto outras experiências o são.

Sem ferramentas conceituais para autodescrição e se percebendo como fora de um processo epistêmico, o sujeito experimenta um vazio existencial e cognitivo. Essa dissociação que advém da discriminação excludente, atravessa sujeitos que não são considerados dentro do campo da produção epistêmica enquanto agentes do conhecimento, isto é, com saberes e modos

de vida ou de pensar válidos. Dessa maneira, essa dor especificamente se relaciona com a capacidade ou habilidade de produzir conhecimento dentro dos atuais processos, sendo então, inerentemente epistêmica.

Quando presente apenas em um indivíduo, representa na pessoa uma dissociação cognitiva dela com a realidade através da vacuidade, e não de um conteúdo propositivo que entre em conflito na sua psiquê. Assim, nessa análise, a própria ausência conceitual é o gatilho da dissociação. Conforme a globalização foi se consolidando, ocasionando o aumento e a naturalização das tecnologias de comunicação que nos interconectam, muitos sujeitos passaram a experienciar essa dissociação de maneira similar, e passaram a se comunicar e a se relacionar a partir da percepção da ausência de representações, sejam conceituais ou objetivamente em figuras de poder. Percebe-se, assim, uma desconexão generalizada de indivíduos que possuem características consideradas como divergentes em relação a certa noção normalizada, naturalizada e retificada da realidade social, imperando o particular sob a norma geral.

A obra propõe que o corpo orgânico vivo não é um objeto anatômico estático, e sim uma "somateca" (um arquivo político vivo atravessado por tecnologias bioquímicas e digitais). Diante da expansão do capitalismo cibernético e da consolidação de uma "i-realidade", temos que: da capacidade de se comunicar na era digital, o corpo anatômico, antes atomizado, torna-se extenso (dada a capacidade de interferir de forma não local); e o poder estabelece uma relação de adição e endividamento metabólico com o novo "tele" sujeito, convertendo o espaço doméstico e as órteses digitais (como o smartphone) em enclaves de biovigilância e teleprodução.

A fim de mitigar a dor epistêmica e humanizar essa infraestrutura que se consolidou, Preciado recusa o status de "salvação" posto nas terapias farmacológicas e psiquiátricas normativas tradicionais. O autor postula que além das reconfigurações necessárias nessas disciplinas em seus modos de operar, são necessárias práticas coletivas experimentais geradas pela intersecção entre a arte, a filosofia e o ativismo, capazes de desestabilizar as políticas de identidade essencialistas, retirando a fábula da existência de um modelo de ser humano idealizado a ser alcançado, uma meta a ser realizada para a plenitude do ser humano. A partir dessa interpretação, é possível perceber que a própria diversidade dos modos de vida, que são revelados na experiência humana, é a própria característica que define o ser. Esse processo permite a transição micropolítica do sujeito atomizado para o agenciamento do "simbionte

político", promovendo transferências horizontais de saber e restaurando o bem-estar por meio da emancipação e do reconhecimento mútuo de igualdade.

Sob todo o exposto, a dor epistêmica constitui um grave problema ontopolítico, gerado pela defasagem entre o regime colonial herdado e os modos insurgentes de vida. Os aparatos tradicionais de validação científica produzem ativamente a exclusão e o epistemicídio de sujeitos dissidentes ao destituir sua agência semântica e representativa, não sendo cabível observar esse problema como um mero fenômeno provocado apenas por um erro de síntese linguística, de ordem taxonômica, dentro de concepções do idealismo da linguagem.

Essa dinâmica de marginalização é instrumentalizada pelo negacionismo e pela gestão necrobiopolítica do capitalismo cibernético para frear transições ecológicas e sociais. O apego a modelos normativos e a tendência em querer voltar a passados estanques, nos quais a mutação da vida cotidiana era menos acelerada, violenta os sujeitos que se constituem subjetivamente a partir da realidade atual, que é extremamente dinâmica, oferecendo continuamente novos modos de viver. A elaboração e redução da dor epistêmica não se resolvem no âmbito clínico ou individualista, mas exigindo um processo coletivo de descarbonização, despatriarcalização e descolonização das instituições e das tecnologias sociais. A superação dessas inadequações estéticas e políticas depende da consolidação de simbioses políticas horizontais que recusem as taxonomias binárias e validem a somateca dissidente como portadora legítima de verdade e potência vital.

5 Conclusão

A conceituação da expressão utilizada por Preciado “Dor Epistêmica” permite o entendimento de um sofrimento decorrente da incapacidade de nomear e perceber um fenômeno, fornecendo novas maneiras de vislumbrar as possibilidades da captura de fenômenos que ainda não foram conceituados e descritos, ou seja, a partir da falta que é sentida, perceber o que está ausente em nome, mas ocupa um “espaço” não explorado ou ignorado. Perceber a ausência de alguns objetos de estudo e do conhecimento é uma maneira de compreender a causa estrutural dessa dor que assume diferentes formas. Assim, os sujeitos dissidentes, ao perceber as faltas e apontá-las, desvelam mecanismos estruturais de exclusão antes naturalizados.

Elaborar essas faltas e ausências são meios de coletivamente alcançar a emancipação dentro dos pressupostos de Preciado criando ferramentas para o processo da decolonialidade,

distanciando algumas noções da interpretação ocidental naturalizada ou biologicamente determinista que se fecha em espaços que monopolizam o discurso a respeito do corpo orgânico, colocando a perspectiva decolonial como um fator e processo de metamorfose e transformação, uma forma de explicitar que somos organizados historicamente, portanto, com interpretações e apreensões do mundo que são datadas e não naturais ou imutáveis.

Oferece também maneiras de chegar até discussões que se debruçam sobre, por exemplo, o gênero, a partir da análise das ideologias dominantes e dos paradigmas consolidados que estão produzindo o que se valida como conhecimento. Essa escolha de percurso para chegar até a discussão de gênero deixa claro para pesquisadores de áreas como a biologia e a psicologia, que possam reivindicar certa neutralidade em seus trabalhos, que os campos de estudo estão todos interconectados e produções têm desdobramentos, e os desdobramentos são as próprias construções dos nossos horizontes civilizatórios.

Por fim, conceitos transformam a realidade instrumentalizando os sujeitos, que reestruturam seus modos de ser e de se expressar e passam a consumir e produzir, ou seja, modificar o mundo de outras maneiras, permitindo e estimulando a definição de um novo marco de inteligibilidade para todos os sujeitos.

Referências Bibliográficas

PRECIADO, Paul B. *Dysphoria Mundi*. Vozes. 2023.

PRECIADO, Paul B. "Eu sou o monstro que vos fala". *Cadernos PET Filosofia*, Curitiba, v. 22, n. 1, 2021 (2022), pp. 278-331.

Palavras-chave: Dor epistêmica; Filosofia decolonial; Gêneros; Ontologia; Paradigma binário

Nº de Registro no sistema Prisma: PES-2025-0482

Financiamento: